

A LUZ VEM DO ALTO / 1959

um filme de HENRIQUE CAMPOS

Realização: Henrique Campos / *Assistente de realização:* MARIA TERESA RAMOS / *Assistente de exteriores:* Vitor Costa / *Argumento e sequência:* William Bendix (pseudónimo de Henrique Campos) / *Adaptação e sequência:* Fernando Fragoso / *Direção de fotografia:* João Moreira / *Operador:* António Pirrone / *Assistente de câmara:* Mário Pereira / *Cenografia:* Manuel Lima / *Caracterização:* Aguiar de Oliveira / *Supervisão musical:* Jaime Mendes / *Canção:* Manuel Fernandes / *Montagem:* Pablo del Amo / *Som:* Enrique Dominguez, Luís Barão / *Efeitos sonoros:* Ignacio Caro / *Fotógrafo de cena:* Bourdain de Macedo / *Intérpretes:* Maria Dulce (Mariana), Mário Pereira (António), Roberto Camardiel (Bernardo), Felix Fernandez (Padre Manuel), Fernando Curado Ribeiro (Armando), Fernanda de Sousa (Júlia), Beatriz de Almeida (Alice Canavarro), Maria Brandão (Joana), Joaquim Miranda (criado), Américo Leite Rosa (criado), Roberto Camardiel é dobrado por José de Castro, Felix Fernandez é dobrado por Ruy de Carvalho.

Produção: Internacional Filmes (Portugal, 1959), som subsídio do Fundo do Cinema Nacional / *Produtora Associada:* MARIA DULCE / *Direção de Produção:* Jorge Gonçalves / *Estúdios e laboratórios:* Tobis Portuguesa / *Cópia:* 35mm (Cinemateca Portuguesa), em preto e branco, falada em português, 98 minutos / *Estreia:* 8 de maio de 1959 (Lisboa, Éden), 11 de maio de 1959 (Porto, Batalha). *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de fevereiro de 1991 (“Homenagem a João Moreira”).

MARIA DULCE, PRODUTORA

Maria Dulce (1936-2010) foi uma importante atriz de cinema que mais tarde se afirmaria também no teatro. Ainda não tinha terminado o curso do Conservatório e foi escolhida para interpretar o papel de Maria de Noronha em **Frei Luís de Sousa**, de António Lopes Ribeiro, tinha apenas 13 anos. Entre os palcos e os *plateaux*, fez carreira entre Portugal e Espanha. Mas foi graças à televisão que se tornou numa cara conhecida dos portugueses (a matriarca de ‘Os Andrades’ e outros papéis em ‘Chuva na Areia’ ou ‘Dei-te Quase Tudo’). Quando tinha 22 anos, regressou de uma série de trabalhos em Espanha e tornou-se produtora associada da Internacional Filmes.

Esta produtora e distribuidora havia sido fundada no início dos anos 1940 e levou às salas portuguesas vários filmes nacionais e internacionais. Segundo os registos, sabe-se que a Internacional Filmes distribuiu, já em reposição, filmes dos anos 1930 como **A Severa** e **Aldeia da Roupas Branca**. Ao longo dos anos 1940 e 50 distribuiu filmes de Henrique Campos, Jorge Brum do Canto, Perdigão Queiroga, Arthur Duarte, entre outros – era a Internacional Filmes que distribuía o jornal **Actualidades de Angola** e, mais tarde, será esta empresa quem distribuiu filmes como o censurado **Pássaros de Asas Cortadas** e curtas-metragens da nova geração, nomeadamente filmes de Fernando Lopes, António Reis e César Leal e António de Macedo. De cinema internacional sabe-se que estrearam filmes como **The Desperadoes** de Charles Vidor, **A Man Alone** de Ray Milland, **Mask of Dust** de Terrence Fisher, **The Naked Dawn** de Edgar G. Ulmer, **The Fixer** de John Frankenheimer, entre vários filmes italianos e alguns franceses. A empresa fecharia no final da década de 1970.

Se o grosso da sua atividade era de distribuição, a Internacional Filmes também produzia, ainda que muito pouco. O primeiro filme foi a curta-metragem documental **A Despedida de Manuel dos Santos** (1955), de Gentil Marques, sobre a última corrida do homónimo toureiro. No entanto seria Henrique Campos quem ali faria carreira com três longas-metragens de ficção: **O Homem do Dia**, **A Luz Vem do Alto** e **O Destino Marca Hora**. Maria Dulce fora a protagonista do primeiro desses filmes, **O Homem do Dia**, e talvez por isso mesmo, pelo contacto com o realizador e equipa, ficou entusiasmada com a possibilidade de se envolver mais na produção de cinema.

Como escreveu Vitoriano Rosa para o *Almanaque Plateia* em 1960, no artigo *A História Desconhecida de Maria Dulce*, “com a audácia própria da juventude e da experiência colhida em anos de atividade artística, Maria Dulce decidiu investir ela própria algumas centenas de contos na filmagem do romance de William Bendix, *A Luz Vem do Alto*, em coprodução com a Internacional Filmes. O êxito obtido pelo filme, e demonstrado em cinco semanas de exibição consecutiva no Éden, ficou a assinalar a vitória alcançada por Maria Dulce (...) Pensaram fazer – ela e a Internacional Filmes – um segundo filme (...). Infelizmente, porém, a exploração comercial de um filme como **A Luz Vem do**

Alto, que custou 2 mil contos, demora tempo a dar os seus lucros, e o projeto ficou sem efeito (...).” Importa notar que não existiu nenhum romancista norte-americano chamado William Bendix, trata-se de um pseudónimo de Henrique Campos.

Maria Dulce investiu, do seu próprio bolso, e isso deu-lhe o crédito de produtora associada. Era uma aposta na sua própria carreira de atriz, uma vez que o filme seria protagonizado por si e tratava-se de um papel que a iria promover junto do público enquanto heroína dramática. De qualquer modo a sua participação não se terá ficado apenas pelo financiamento. Em entrevista à *Plateia*, a 1 de janeiro de 1959 (ainda antes da estreia do filme), explicou que “a razão da minha [recente] viagem era tratar da distribuição de **A Luz Vem do Alto** em Espanha – e embora não lhe possa ainda dizer o nome da firma, julgo poder afirmar que essa distribuição ficou mais ou menos assegurada, o que permitirá pela primeira vez ao cinema nacional a conquista de um mercado importante, saindo definitivamente dos limites acanhados de Alcochete e Faro...”, isto é, estava ativamente envolvida na distribuição internacional do filme (sendo que essa via de exploração estava já delineada na escolha dos atores – alguns deles espanhóis – e da equipa técnica; ainda que não se tratasse de uma coprodução).

Nessa mesma entrevista, refere-se aos colegas atores em moldes que indiciam que terá igualmente participado do *casting* do filme (“excederam tudo o que eu esperava”) e ainda sobre o seu papel enquanto produtora, salientou que “não penso fazer uma pausa [na produção]. Associei-me à Internacional Filmes por esse motivo. É já tempo de pôr termo à paralisia que periodicamente ataca o cinema português. (...) De resto, a falta de continuidade, por um lado, vai desiludindo o público e, por outro, roubando a prática aos nossos técnicos e artistas (...). Acalentamos vários projetos, alguns deles sensacionais. Desejamos utilizar os nossos melhores escritores e a nossa melhor literatura... E pensamos, também, numa colaboração mais estreita com o Brasil, para o que se encetaram já várias diligências com vista a uma coprodução luso-brasileira.” Esse filme brasileiro seria uma adaptação do romance *A Mestiça*, da escritora brasileira Gilda de Abreu. Nunca se chegou a realizar e Maria Dulce não mais voltaria a ocupar a posição de produtora num filme. No entanto, já em 1974, o referido livro de Gilda de Abreu seria adaptado ao cinema no Brasil – com o título **Mestiça, a Escrava Indomável** – e seria assinado por uma das poucas mulheres a trabalhar nessa década no cinema brasileiro, Lenita Perroy.

Ricardo Vieira Lisboa

A LUZ VEM DO ALTO

Dos três filmes portugueses produzidos em 1959 – **A Luz Vem do Alto**, **O Passarinho da Ribeira** e **O Primo Basílio** – dois foram manivelados por João Moreira (o primeiro e o segundo) e o outro por Mário Moreira. Os dois manos arrecadavam assim os méritos de uma carreira brilhante, iniciada no pós-guerra. No caso de **A Luz Vem do Alto**, João Moreira recolheu também parte dos louros do Premio Nacional de Cinema do SNI e, o júri desse galardão atribuiu o Prémio Nacional de Fotografia a **O Passarinho da Ribeira**.

Tenho para mim que a grande qualidade deste filme é precisamente o lado técnico, formal, tanto por parte da encenação de Henrique Campos – mas não é possível salvar uma história destas, tão convencional, tão “ficelé”, por mais competente que seja o realizador – como por parte da fotografia de João Moreira, equilibrando com justeza interiores e exteriores, aproveitando ao máximo essa natureza magnífica do Alto Vouga que Jorge Brum do Canto introduzira em **Paisagem e João Ratão**. A luminosidade das imagens, que não abandona o necessário recorte humano das figuras, marca o estilo de João Moreira.

E se falamos ainda nos aspectos técnico-formais, não posso deixar de destacar o trabalho de Pablo del Amo – o melhor montador do cinema espanhol – na moviola, dando ao filme, apesar do fundo melodramático da acção, um ritmo e uma fluidez pouco habituais no nosso cinema decadente dos anos 50. “Verdad, Pablo?”.

A Luz Vem do Alto, para além da eventual e talvez útil discussão da vertente melodramática do enredo, coloca ainda o problema do filme de conteúdo espiritual, não diria religioso, próximo

daquele que, anos antes, se planteara em **The Keys of the Kingdom** de John M. Stahl.

Neste filme, infelizmente, o problema espiritual – a oposição entre o lavrador Bernardo, ateu e exaltado, e o Padre Manuel, calmo ministro de Deus – é feita a traço grosso, sem qualquer espessura humana, vivendo de um diálogo retórico, de grandes frases, de gestos teatrais, que a dobragem de Roberto Camardiel e de Felix Fernandez acentua negativamente.

Por outro lado, mistura-se no filme o melodrama nascido dos conflitos entre Mariana e seus pretendentes com a lição moral proporcionada pelo bom senso, pela bondade e pela experiência do Padre Manuel. Neste aspecto, a figura desempenhada por Mário Pereira, um pouco rígida, é toda conduzida por uma espécie de determinação do castigo moral que o espera. Tudo acaba da melhor maneira, com o casamento de Eng. Armando e da sua Mariana. O próprio Roberto, agora “convertido”, ajoelha na igreja diante do Deus que o combatera antes. Trata-se de uma ficção muito próxima dos melodramas populares tipo **Rosa do Adro**, sem a preciosa caracterização psicológica que fazia de Júlio Diniz um grande romancista.

Passo rapidamente pelos defeitos já referidos no enredo e nos diálogos, voltando ao princípio da crónica para reforçar a minha opinião sobre os méritos do realizador Henrique Campos: o filme está francamente bem dirigido, com o ritmo adequado ao estilo, sem delongas na acção, marcações certas nas personagens, criando climas dramáticos e cenográficos de seguro efeito. Basta lembrar as cenas de nevoeiro na serra antes da agressão a Mariana, basta lembrar a longa sequência do palheiro, feita com rigor de “timing” e da atmosfera como poucas vezes foi visto no cinema dos anos 50.

Mas o grande mérito do filme é a colaboração técnico-expressiva de Henrique Campos-João Moreira-Pablo del Amo. Poucas vezes um director de fotografia marcou com o seu talento uma sequência visual deste nível. Para ver o que é uma fotografia de cinema atente-se no modo como iluminou a entrada de Maria Dulce no palheiro, recortando a luz que a distingue das sombras interiores do primeiro. E já não falo nos exteriores, em que a magnífica paisagem de Sever do Vouga surge esplendorosa, quase colorida, mas sempre funcional, sempre acompanhando a presença das personagens e das suas motivações. Aqui e além, certos planos insólitos (a visão da campã em contra-picado, logo no início, a entrada no tronco na calha que leva ao rio, por exemplo) marcam a vontade de manter e acentuar o lado visual do filme, que é sempre o melhor.

E no fim de tudo lá está a montagem de Pablo del Amo para dar o ritmo certo, o corte justo, a sequência harmoniosa que as imagens impõem. Para quem vir o filme com olhos de ver, há-de reparar que a sua duração psicológica parece bem menor do que a real. Não há muitos arrastos nem delongas, a direcção de actores, tirando o “low profile” de Felix Fernandez, os excessos gestuais de Camardiel e uma certa inexperiência de Mário Pereira, assegura a naturalidade desejável, apesar do melodrama pesado que a perturba. Maria Dulce, que foi produtora associada, pareceu-me convincente, tal como Curado Ribeiro e os secundários, perfeitamente enquadrados na beleza daqueles sítios, que já são parte mítica da história do cinema português.

Luís de Pina